



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **GEOGRAFIA, UMA BREVE HISTÓRIA: DA ANTIGUIDADE AO BRASIL DO SÉCULO XXI**

COSME JORGE PATRICIO QUEIROZ

MURILO AGUIAR DE SOUZA

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo realizar uma breve descrição histórica da evolução da geografia como ciência, a evolução do pensamento geográfico, suas escolas e como é estudada no século XXI no Brasil. A metodologia aplicada é a pesquisa exploratório-descritiva, utilizando-se como procedimento, a pesquisa bibliográfica. A geografia tem início com os pensamentos de Estrabão, no século I, e mostra que durante 18 séculos continuou com um caráter basicamente descritivo, onde as paisagens e formas do relevo possuem importância fundamental. As principais mudanças no pensamento geográfico aparecem com a escola alemã e sua geografia determinista. Afirma que o homem seria efeito do meio, as circunstâncias naturais é que determinam a vida em sociedade. Desse modo, o homem seria escravo do seu próprio espaço. A escola francesa e seu pensamento possibilista, acreditava na possibilidade de haver influências recíprocas entre o homem e o meio natural, influenciando boa parte do século XX, que é palco do surgimento de diversas escolas pelo mundo, como a americana, a geografia crítica, dentre outras. No Brasil, o maior expoente da geografia é Milton Santos, geógrafo baiano que teve seu trabalho reconhecido mundialmente. Por fim, o século XXI traz novos pensamentos na geografia no Brasil, como o trabalho relevante apresentado por Brito, com uma abordagem diferente na forma de se estudar e utilizar os mapas. **Palavras-chave:** História da Geografia, Escolas Geográficas, Cartografia.

**Abstract:** This work aims to conduct a brief historical description of the evolution of geography as science, the evolution of geographical thought, their schools and how is studied in the XXI century in Brazil. The methodology is exploratory and descriptive, using the procedure of the literature. Geography begins with the thoughts of Strabo in

**the first century, and shows that for 18 centuries continued with a basically descriptive, where landscapes and landforms have fundamental importance. The main changes in geographical thought appear with the German school and its deterministic geography. It states that man would effect the environment, natural conditions that determine life in society. Thus, man would be a slave to your own space. The French school and its possibilist thought, believed in the possibility of reciprocal influences between man and the natural environment, influencing much of the twentieth century, which is the stage of the emergence of various schools around the world, such as American, critical geography, among others. In Brazil, the greatest exponent of geography is Milton Santos, Bahia geographer who had his work recognized worldwide. Finally, the twenty-first century brings new thoughts on geography in Brazil, as the relevant work presented by Brito, with a different approach in order to study and use the maps. Keywords: History of Geography, Geographical Schools, Cartography.**

**INTRODUÇÃO** Na antiguidade, o estudo da geografia utilizava-se de observações astronômicas e estudos filosóficos, como os de Aristóteles, que foi o primogênito a classificar o Planeta Terra como uma esfera. Porém, somente no século XIX, é que a geografia é sistematizada como disciplina acadêmica. No período do Império Romano, a geografia era conhecida como “périplo”, possuía a função de descrever os portos e os caminhos/rotas, os quais possuíam grande importância tanto para a organização do comércio como para a defesa militar do império. Como documentos comprobatórios que sobreviveram aos dias atuais, temos dois textos históricos: o “Périplo do Mar Eritreu” (nome utilizado pelos antigos gregos para fazer alusão ao Mar Vermelho) e o “Periplo do cartaginês Hanão, o navegador”. O geógrafo, filósofo e historiador grego Estrabão, que viveu aproximadamente entre 64 a.C. e 24 d.C., considerado o precursor da geografia, deu os primeiros passos nas áreas que caracterizariam a nova ciência: a descrição e a relação com o homem e seus problemas. Nesse sentido, de acordo com Moreira (2012), Estrabão definia:

a geografia familiariza-nos com os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da Terra; e o homem que a cultiva é um homem profundamente interessado nos grandes problemas da vida e da felicidade (MOREIRA, 2012, p. 8). Estrabão mostra a gênese da criação da geografia, seus entes e a natureza dos princípios que a norteiam. A ênfase dada ao homem, a felicidade e a Terra entrelaçados com o tempo e a forma de agir, caracterizam a geografia até os dias atuais. A felicidade deve ser entendida como ações, estudos e teses da geografia, que visam o bem-estar e o avanço estrutural de uma sociedade. A história desta

ciência mostra que nem sempre isto foi priorizado; a geografia também serviu como instrumento de dominação e de unificação de território, como enfatiza Yves Lacoste (2007) em seu livro, intitulado "A geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra". A geografia tem uma importância muito grande para a organização e domínio do espaço entre o século I e o século XVIII. Os mapas eram segredos de Estado durante as Grandes Navegações, pois "escondiam" as riquezas de um império. Ademais, outra característica desse momento é a descrição das paisagens. Na Alemanha de 1754 (que só se tornaria uma nação unificada em 1871) é a geografia que dá os primeiros passos para possuir o *status* científico com a discussão entre a geografia político-estatística e a geografia pura (MOREIRA, 2012). Nesse contexto, Moreira (2012) enfatiza a discussão entre a geografia político-estatística e a geografia pura:

[...] discussões entre as duas vias que surgem: a geografia político-estatística e a geografia pura. A primeira dá prosseguimento metodológico ao que vinha sendo a geografia desde os tempos de Estrabão, no século I, e ganha impulso com Bernardo Verenius, no século XVII. A segunda põe acento na questão dos limites naturais de um território, tema tipicamente da Alemanha de então e que virá despontar no fim do século XIX com Friedrich Ratzel, particularmente (MOREIRA, 2012, p. 18-19). Portanto, as duas vertentes da geografia trazem para si os grandes dilemas da implantação/fortalecimento do capitalismo na Alemanha. Os problemas para a unificação do seu território (muito fragmentado) e a diminuição do grau de diferença entre o seu desenvolvimento econômico e científico, com as duas maiores potências daquele momento, a Inglaterra e a França. Assim, este trabalho tem como objetivo realizar uma breve descrição histórica da evolução da geografia como ciência. Demonstrar as mudanças do pensamento geográfico desde a antiguidade até os dias atuais. ●

**MÉTODO** A metodologia deste trabalho tem como base a pesquisa exploratório-descritiva, utilizando-se como procedimento, a pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2007) tem o objetivo de possibilitar um maior conhecimento com o problema estudado, deixando-o mais claro ou construindo hipóteses. Normalmente, estas pesquisas envolvem paradigmas que instigam a compreensão, levantamentos bibliográficos e entrevistas com quem teve acesso ao problema investigado. A pesquisa exploratória também é aplicada para os primeiros estudos sobre

o problema. É a porta de entrada que dará o arcabouço teórico ao que se está investigando, propiciando que a pesquisa possa ser entendida com maior precisão e clareza. Ela permite ao pesquisador delimitar o seu problema de pesquisa e estabelecer suas hipóteses com maior exatidão. Segundo Triviños (2007), uma pesquisa é caracterizada como descritiva quando esta requer do observador maior quantidade de informações sobre o que ele deseja pesquisar. De acordo com Lakatos e Markoni (2010, p. 142), “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Por conseguinte, é indispensável a utilização e a investigação dos principais autores dessa área.

**A BASE PARA A GEOGRAFIA MODERNA** As bases da geografia que conhecemos e utilizamos, atualmente, tem sua origem no século XIX. Ela nasce das universidades e das sociedades de geógrafos. Nesse contexto, a geografia física ensinada por Immanuel Kant, na Universidade de Königsberg (na Prússia, atual Alemanha) tem sua origem herdada da geografia pura, que buscava uma sistematização nova para a filosofia (sua verdadeira área de atuação). Kant abordou a geografia pela ótica da concepção artística, influenciado pela ideia de natureza como algo inorgânico. Assim, foi por conta da geografia, que Kant procurou definir um conceito crítico da natureza e, por conta da antropologia pragmática, um conceito crítico do homem (MOREIRA, 2012). Vale ressaltar que a Alemanha do século XVIII viveu as angustias de passar do feudalismo para o *status* de nação e, dessa nova forma, alcançar os principais impérios europeus, aqui já citados: França e Inglaterra. É neste caldeirão que surgem dois expoentes do que seria chamado de geografia determinista ou determinismo geográfico, Alexander Von Humboldt e Carl Ritter. Segundo Corrêa (1991, p. 9), “na geografia, no entanto, as ideias deterministas tiveram no geógrafo alemão Frederic Ratzel seu grande organizador e divulgador, ainda que ele não tivesse sido o expoente máximo”. Moraes (1990) aborda a visão positivista do determinismo geográfico de Ratzel:

A visão positivista de causalidade introduz um empobrecimento na formulação ratzeliana que anula sua rica e complexa proposta de objeto. No equacionamento da problemática das influências, frente à normatização mecanicista, as condições naturais passam a ser vistas como lócus da determinação. como elemento de causação a partir do qual a história

humana se movimenta. A sociedade passa a ser vista como elemento passivo, que apenas reage a uma causalidade que lhe é exterior. O homem torna-se, assim, efeito do ambiente (MORAES, 1990, p. 13). Naquele momento histórico, a Alemanha precisava se afirmar como potência europeia. Assim, a geografia cria as condições para tal fato, seja incorporando territórios por meio da guerra ou de cooperação interna com as demais formas de sociedade. Em outras palavras, o chamado espaço vital propicia uma das duas formas de interagir: cooperação histórica ou de conflito. Sendo assim, a geografia alemã tem uma importância muito grande na criação da geografia francesa, pois é dela que é retirada o seu conteúdo. Porém, existem outras semelhanças, a geografia francesa (possibilismo geográfico) também tem suas bases nas sociedades geográficas, como a de Paris, que era presidida por Malte-Brun. A primeira grande influência inicia-se com Elisée Reclus, em meados do século XIX. Paul Vidal de La Blache foi um dos seus expoentes, a partir das últimas décadas do século XIX, já na fase universitária (MOREIRA, 2012). A consolidação do possibilismo pode ser visto nas palavras de Ortiz (1991, p. 38-39): “a constituição da nação requer a emergência de uma consciência que solde os franceses no interior de um mesmo território. [...] a consolidação de uma memória coletiva é um produto recente da História”. Desse modo, quando se valoriza a história e as tradições, contesta-se a hegemonia do positivismo e a proposta das leis naturais para a sociedade. Fabricio e Vitte (2011, p. 320) destacam, assim, o possibilismo geográfico de La Blache:

Vidal de La Blache propõe um novo método à geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional. As relações homem-meio são encaradas, por essa ótica, com uma abordagem recíproca e harmônica. Além de receber influências de seu ambiente, o homem se apresenta como fator geográfico, transformando a fisionomia da paisagem a partir das possibilidades que cada meio oferece (FABRICIO; VITTE, 2011, p. 320). Logo, o possibilismo geográfico olha o ambiente natural como um fornecedor de perspectivas que podem ser modificados, ou seja, moldados pelo homem; este é o principal agente geográfico. O conhecimento e a identidade social de vida não possuem ligação direta com o meio ou as condições ambientais, e, sim, ao uso prático das técnicas disponíveis, ao desenvolvimento dos grupos sociais e econômicos, em suma, o homem sobrepõe o meio. A virada do século XIX

para o XX marca uma nova mistura entre a geografia acadêmica e a geografia colonial, com cunho imperialista comercial. A acadêmica passa a transmitir, por meio do ensino escolar, uma lógica utilitária e naturalista. Desse modo, a natureza é estudada com ênfase na sua influência sobre a economia, o homem pela ótica populacional e sua influência no consumo e mão de obra e a economia como ponto culminante do processo. Isto não significa a morte da geografia de Estrabão, que tratava dos grandes problemas da vida e da felicidade, sempre se contrapondo a visão socialista. Essas contradições vêm à tona na segunda metade do século XX (ORTIZ, 1991). Em meados do século XX, em plena Guerra Fria, surgiu a nova geografia ou geografia quantitativa, que possuía uma visão matemática do mundo. Esse ramo da geografia encobria a ideologia do expansionismo capitalista sem mostrar as realidades sociais. Ela representava interesses de países como Inglaterra e Estados Unidos da América (ORTIZ, 1991). A geografia quantitativa apresenta duas dimensões: o reducionismo, ou seja, um empenho em concretizar os fenômenos naturais e de suas relações com os aspectos sociais e, segundo alguns autores, é uma forma de colocar os fenômenos naturais nos sociais, naturalizando as relações sociais; além disso, o feitichismo espacial, que diz respeito a formalização geométrica do espaço (MOREIRA, 2012). Na França, no início dos anos de 1950, a geografia acadêmica tenta se reerguer nas bases de Vidal de La Blache, tendo como base os geógrafos de cunho socialistas, sendo uma das grandes expressões, Pierre George. Esse pensador deixa de dividir o mundo entre os continentes e passa a entender como um sistema econômico/social, dividido entre capitalistas e socialistas, que se subdividiam em desenvolvidos e subdesenvolvidos. Na literatura escolar, no Brasil, essa influência é vista até os dias atuais. Os livros, na sua grande maioria, ainda apresentam esta divisão, com maior ou menor ênfase, dependendo do autor. Segundo Moura (2008), pode ser encontrada uma das raízes da geografia crítica nas fileiras progressistas da geografia regional francesa, que introduz a análise da organização espacial ao sistema econômico e social. Yves Lacoste, um dos discípulos de Pierre George, aprofunda o rompimento com o naturalismo. Sua obra clássica "Geografia do Subdesenvolvimento", de 1965, enraíza o entendimento entre capitalistas e socialistas, desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nesse sentido, desaparece a questão continental e é dada maior importância a questões econômicas e sociais de existência

relacionadas com a transformação e distribuição de recursos da natureza (MORAES, 2012). A essência da geografia está no quadro econômico/social em que vive cada sociedade e recebe o nome de geografia ativa ou geografia crítica. A geografia crítica coloca-se como “uma revolução que procura romper, de um lado, com a geografia tradicional e, de outro, com a geografia teórico-quantitativa”. Esta “revolução” provocou grandes embates entre geógrafos pró e contra o marxismo (CORRÊA, 2001, p. 23). Nesse contexto, a geografia crítica diferencia-se das demais correntes do pensamento geográfico, baseada nos pressupostos da criticidade e engajamento, conforme Cardoso (2016):

por criticidade se entendia uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omitisse as suas tensões e contradições, que ajudasse enfim a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E por engajamento se pensava numa geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais (CARDOSO, 2016, p.01). Cardoso (2016) explica que a geografia perde a neutralidade e aprofunda os estudos sobre os problemas sociais. Assim, ela nasce dentro de uma conjuntura de reavaliações de ideias e valores, em um delicado momento da política brasileira e mundial. No Brasil, a influência de Pierre George e seus discípulos podem ser vistas em palestras no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, na década de 1970, conforme destaca Ramão (2013, p. 36-37):

[...] destacar que o interesse dos brasileiros por George ocorreu também por intermédio do maior centro de produção geográfica do país no século XX, o IBGE. Como resultado de suas palestras e cursos na instituição, em 1970 editou-se a obra Pierre George [...] é o caso do artigo de Pedro Pinchas Geiger Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro, de 1960, que dialoga com George em diversos momentos a fim de compreender a dinâmica do urbano em termos históricos e geográficos (RAMÃO, 2013, p. 36-37). Observa-se a essência da geografia ativa/crítica nos temas abordados pelo maior centro oficial de estudo da geografia no Brasil, o IBGE: a população e a organização do espaço, o desenvolvimento econômico, a produção agrícola. No Brasil, o maior nome da geografia crítica é Milton Santos, geógrafo baiano que teve seu trabalho reconhecido

mundialmente, porém são importantes também Armando Corrêa da Silva, Armen Mamigonian, entre outros (RAMÃO, 2013). Desse modo, a geografia crítica contesta as categorias da geografia francesa, já citadas anteriormente, por estas não atenderem as necessidades vividas no Terceiro Mundo. No Brasil, ela floresce na metade da década de 1970, devido a diversos fatores, como: a volta dos exilados devido a anistia política, a flexibilização rumo a democracia demonstrada com a queda do AI-5 (Ato Institucional Nº 5) e o surgimento de vários partidos políticos com a quebra do bipartidarismo. Esses fatores impõem as entidades civis a participarem do processo de democratização. A década de 1980 e o início da década de 1990 é marcada por um crescimento das publicações voltadas para o ensino fundamental e ensino médio. Nesse sentido, as discussões acadêmicas são comandadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB e só depois é que são iniciadas nas universidades. Nos dias atuais, a geografia crítica ainda é estudada, sobretudo nas escolas da educação básica, porém, com uma força reduzida se comparada com as décadas passadas. No mundo e no Brasil do século XXI discutem-se as geografias humanística, também chamada de cultural, e a geografia ambiental. A primeira valoriza a experiência do indivíduo, ela procura entender as relações dos grupos sociais com os lugares com a finalidade de entender seus valores e comportamentos. A segunda procura descrever os aspectos espaciais entre o homem e o mundo natural, dando ênfase aos aspectos tradicionais da geografia física e a definição do ambiente pela sociedade. Ela estuda o desmatamento, as mudanças climáticas globais, aumento no nível dos oceanos, ou seja, os efeitos das ações do homem sobre o ambiente (MOREIRA, 2012). Uma importante contribuição para o avanço do entendimento da geografia foi dada por Brito (2013) em sua tese de doutorado. Ele aborda uma nova forma de olhar sobre a cartografia: a reversão (análise crítica dos mapas), a subversão (alternativas ao quadro-mapa) e a transgressão e singularidades cartográficas. Brito (2013, p. 8) destaca esse novo olhar da geografia, por meio da cartografia, em sua investigação:

[...] objetivo investigar, numa perspectiva teórica, a análise crítica da cartografia e suas potencialidades, enquanto linguagem, na mediação da construção e sistematização do conhecimento. A trilha investigativa está fundamentada na teoria crítica ao mapa e nos redimensionamentos e

ampliações dos conceitos, em especial o de geotecnologias como capacidade de humana de apresentar, representar, interpretar e analisar o espaço com a mediação dos mapas, e o de cartografia como um processo e não como um produto, substrato ou suporte, bem como na construção do entendimento da convergência cartográfica. A reversão cartográfica é apresentada como um processo relacionado ao reposicionamento teórico-metodológico da utilização dos mapas, e a subversão e transgressão se reportam às novas potencialidades da sua utilização nos processos formativos, nos mapeamentos colaborativo-participativos, e em outras transgressões (BRITO, 2013, p. 08). Além disso, o autor apresenta críticas e sugestões para uma nova abordagem em sala de aula e na vida prática. Conceitos como globalização e geotecnologias, aparecem com uma nova abordagem, fugindo do viés tecnicista/quantitativo. Para Brito (2013, p 74), nos dias atuais, por meio da globalização, “o ‘empoderamento’ proporcionado pela sistematização do conhecimento, por meio das imagens cartográficas, pode refletir, no âmbito da coletividade”. No caso das geotecnologias, segundo Brito (2013, p. 23), estas podem ser entendidas “como a capacidade humana de apresentar, representar, interpretar e analisar os fenômenos de caráter geográfico, tanto em meio analógico como no meio digital, bem como sob superfícies materiais (papel ou tela de computador) ou mentais” Brito (2013) se utiliza do conceito de geotecnologia de Hetkowski (2010), quando esta define:

A geotecnologia representa a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI, 2010, p.6). Em outras palavras, faz-se necessário perceber as geotecnologias, como utilizá-las, compreendendo o espaço que nos cerca e suas várias interpretações; além de entender que as ações individuais ou coletivas dos atores de um determinado espaço/lugar interferem, não só na sua dinâmica, mas também na sua construção. **CONSIDERAÇÕES** Este artigo teve como objetivo

abordar o processo de desenvolvimento histórico do pensamento geográfico, nas suas mais variadas escolas. Evidencia a evolução e o empoderamento dos conceitos pela ciência, que cria vida própria a partir dos estudos de Estrabão, porém sempre jovem e atualizada em seus paradigmas. Por uma organização da pesquisa, não foram apresentadas todas as escolas e pensamentos geográficos, apenas aqueles mais pertinentes para este trabalho. Vale ressaltar que a não citação de determinados pensamentos ou correntes geográficas, não representa uma menor importância dentro do cenário histórico da geografia. Assim, foi evidenciado a importância das escolas geográficas dos séculos XIX e XX. No século XIX, rompeu-se de vez com a chamada geografia descritiva e buscou-se novos cenários para um mundo em plena transformação. No século XX, com a expansão do capitalismo, surgimento dos países socialistas e duas Grandes Guerras, deu-se uma nova roupagem a geografia e ao mundo. Portanto, o espaço passa a ser visto por ângulos nunca antes estudados. Logo, seja qual for o ramo que o leitor se identifica, o importante é que a geografia continua seu processo de crescimento e desenvolvimento, buscando sempre novos caminhos, novas explicações e perguntas, que ajudam a definir o homem e sua relação com o local/lugar/espaço.

**REFERÊNCIAS** BRITO, Francisco J. de O. **Análise Crítica da Cartografia: Potencialidades do uso de Mapas na Contemporaneidade**, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I, 2013. 130f. CARDOSO, Jackson. **Geografia Ativa: visando a construção de uma geografia contextualizada, em busca de disseminar conhecimento. Abordando todas as maneiras de estudar a Geografia**, 2016.

Disponível em:

<<http://geografiaativaporjackson.blogspot.com.br/2016/03/o-que-e-geografia-critica.htm>  
|  
>.

Acesso em: 03 mai. 2016. CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991. CORRÊA, Roberto Lobato.

Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. FABRÍCIO, D. C. B., VITTE, A. C. **Paul Vidal de La Blache e a Geografia Francesa: do contexto histórico às monografias urbanas**, *Cordis. História, Arte e Cidades*, n. 6, p. 301-332, jan.-jun., 2011.

Disponível em:

<<http://>

[revistas.pucsp.br](http://revistas.pucsp.br)

[/index.php](http://revistas.pucsp.br/index.php)

[/cordis/article/viewFile/10302/7691](http://revistas.pucsp.br/cordis/article/viewFile/10302/7691)>.

Acesso em: 25 abr. 2016. FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. HETKOWSKI, Tânia Maria. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?**

Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad. Maria Cecília França. 13 ed. Campinas: Papirus, 2007. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. MORAES, A.C.R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1990. MOREIRA, R. **O Que é Geografia**. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2012. MOURA, Rosa; OLIVEIRA, Deuseles de; LISBOA, Helena dos Santos; FONTOURA, Leandro Martins, GERALDI, Juliano. **Geografia Crítica: legado histórico ou abordagem recorrente?**

Biblio 3W, **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. XIII, n. 786, 5 jun. 2008.

Disponível em:

<<http://>

[www.](http://www.ub.es/geocrit/b3w-786.htm)

[ub.es/geocrit/b3w-786.htm](http://www.ub.es/geocrit/b3w-786.htm)

>.

Acesso em: 03 mai. 2016. ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1991. ROMÃO, F. DE S. A Geografia de Pierre George e a Questão ambiental: Considerações Iniciais, **Revista Continentes (UFRRJ)**, ano 2, n. 3, 2013.

Disponível em:

<[http://  
r1.ufrj.br  
/revistaconti/pdfs/3/ART2.pdf](http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/3/ART2.pdf)  
>.

Acesso em: 27 abr. 2016.

\* Licenciado em Geografia pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), especialista em Educação: Currículo e Prática Educativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor da Educação Básica da Rede Estadual da Bahia. Mestrando em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação (GESTEC) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa em Geotecnologia Educação e Contemporaneidade (GEOTEC). E-mail: [cosmejorge@globocom](mailto:cosmejorge@globocom)

\*\* Professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Especialista em Coordenação Pedagógica e aluno do mestrado Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), vinculado a Universidade do Estado da Bahia. [murilojamado@yahoo.com](mailto:murilojamado@yahoo.com)  
.br

Recebido em: 06/08/2016

Aprovado em: 06/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: